

Folkcomunicação cinética e o olhar pós-panóptico nas comemorações do Dois de Julho no telejornal Bahia Meio Dia¹

Anaelson Leandro de SOUSA²
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

No dia 2 de julho é comemorada a independência do Brasil na Bahia com a realização de um desfile cívico. O ponto principal do cortejo são os carros alegóricos com as imagens do caboclo e da cabocla, que representam a participação do povo na campanha de libertação que expulsou os portugueses definitivamente do Brasil no ano de 1823. O objetivo deste trabalho é mostrar como a televisão utiliza seu olhar pós-panóptico na transmissão da festa a partir do uso do helicóptero. Entendemos a festa cívica do Dois de Julho como um tipo do festejo que está inserido no gênero da folkcomunicação cinética (Marques de Melo, 2005, 2008). O corpus do trabalho será a cobertura realizada pelo telejornal Bahia Meio Dia, da TV Bahia, em Salvador, no período de 1 a 3 de julho de 2015. A metodologia utilizada será a Análise de Imagem Parada (ROSE, 2002).

PALAVRAS-CHAVE: Festa; Dois de Julho; Televisão; Folkcomunicação.

As rememorações da Independência do Brasil na Bahia, em Salvador, tem como ponto máximo a Festa do Dois de Julho, que é uma festa cívica que acolhe diversas manifestações do povo. A sua origem do festejo data de quando militares baianos se recusaram a obedecer a Carta Régia que nomeava o Brigadeiro português Inácio Luís Madeira de Melo para o cargo de Governador das Armas, substituindo o brasileiro Manuel Pedro de Freitas Guimarães. Outros incidentes locais também fortaleceram a resistência baiana. A luta, com características de guerra civil, foi encerrada no dia 2 de julho de 1823, quando as tropas portuguesas deixaram a Bahia.

De acordo com Araújo (s/d) as lutas pela independência do Brasil na Bahia foram fundamentais para a manutenção da integridade do território brasileiro após a nossa independência e que a saída dos portugueses - foi a coroação dos enormes esforços de

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Professor do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, Campus III, Juazeiro, BA, email: anlsouza@uneb.br

mulheres e homens, negros, brancos, índios e mestiços que deram suas vidas pela conquista da liberdade (ARAÚJO, p.9).

De acordo com Kraay (1999) nos primeiros momentos da vitória brasileira, foi realizado um desfile cívico que foi originado por um grupo de patriotas que encontraram uma carruagem ou carreta, capturada da batalha de Pirajá, passaram a homenagear os combatentes. Essa carreta foi decorada com folhas verdes e amarelas, e posteriormente foi colocada a imagem de um velho mestiço como símbolo vivo da nação brasileira. Kraay afirma que por volta de 1825 e 1826 outra imagem passou a ser reverenciada em um novo carro alegórico: com uma estátua de um índio, o caboclo, vestido de penas e portando arco e flecha, pisando a tirania, representada por uma serpente (p.53).

Kraay (1999, p.60) também conta que devido as hostilidades sofridas pelos portugueses civis residentes em Salvador cogitou-se que o caboclo não mais desfilaria. Porém, em 1846 foi criada a escultura da Cabocla que não chegou a substituir a do Caboclo. Desde então, a imagem da cabocla e do caboclo desfilam lado a lado como símbolos oficiais da festa. No início dos anos de 1860 a Sociedade Dois de Julho começou a construir um pavilhão para guardar as imagens e os carros alegóricos. Kraay aborda ainda como o caboclo e a cabocla ganharam uma dimensão quase religiosa semelhante a dos santos católicos.

A semelhança do Dois de Julho com as procissões dos santos também salta aos olhos. O pavilhão na Lapinha parece um santuário secular e o caboclo um santo secular a ser conduzido pela cidade, da mesma maneira que se conduziam seus congêneres católicos, enquanto todos os baianos lhe mostravam sua devoção (Kraay, 1999, p.57).

Após essa pequena introdução histórica, buscaremos entender as comemorações do Dois de Julho, em Salvador, pela teoria da Folkcomunicação, que segundo Marques de Melo (2005) caracteriza-se como um segmento inovador de pesquisa latino-americana no âmbito das ciências da comunicação. Tendo como referência Luiz Beltrão, Marques de Melo explica que o objeto de pesquisa dessa disciplina está situado entre o Folclore - entendido como resgate e interpretação da cultura popular- e a Comunicação de Massa - difusão industrial de símbolos através de meios mecânicos ou eletrônicos destinados a audiências amplas, anônimas e heterogêneas.

Se o Folclore compreende formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural protagonizadas pelas classes subalternas, a Folkcomunicação caracteriza-se pela utilização de mecanismos

capazes de difusão simbólica de expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural (2005, p.6).

Barreto (1994, p.43) alega que graças a dinâmica da folkcomunicação os meios comportamentais e expressões não-verbais e até mitos e ritos, vindos de um passado longínquo, assumem significados novos. Em seu estudo sobre Comunicação e Folclore o pesquisador entende que as manifestações populares podem ser estudadas além de seu discurso verbal e nos apresenta um quadro mais amplo das linguagens humanas como a visual, plástico-tátil, olfativo-gustativo, audiovisual e idiomático-sonoro.

Sobre a linguagem plástico-tátil, Barreto entende que a emissão de seus signos constitui uma mensagem perceptível pelo tato e/ou pela visão que gera um discurso tridimensional, em que seus elementos são captados ao contato do corpo do receptor e/ou pelo seu aparelho visual, permitindo-lhe a decodificação e interpretação da mensagem.

Nesse sentido, o estudo da festa do Dois de Julho se enquadra como um objeto de pesquisa tátil que gera um discurso próprio e que nos permite a identificação de seus diferentes códigos. A ideia de Barreto (1994) se alinha com a de Marques de Melo (2005, 2008) ao destacar a Folkcomunicação como uma categoria que reúne um conjunto de manifestações simbólicas determinadas pela combinação do canal e da audiência, produzindo gêneros oral, visual, icônica e cinética. Dentre esses gêneros folkcomunicacionais chegou-se a uma classificação com formatos e tipos. Marques de Melo define o *formato* de um gênero como “estratégia de difusão simbólica determinada pela combinação de intenções (emissor) e de motivações (receptor)”, já o *tipo* é uma “variação estratégica determinada pelas opções simbólicas do emissor, bem como por fatores residuais ou aleatórios típicos da recepção” (Marques de Melo, 2005, p.11).

Neste trabalho, nos interessa estudar a festa do Dois de Julho dentro do gênero denominado folkcomunicação cinética. De acordo com Fernandes (2010) a folkcomunicação cinética é um gênero da folkcomunicação conceituado por Jose Marques de Melo e Luiz Beltrão e que abarca as manifestações em múltiplos canais que utilizam os códigos gestuais e plásticos (2010, p.542).

Entendendo melhor, e seguindo a tipologia apresentada por Marques de Melo (2005, 2008), as comemorações da Independência do Brasil na Bahia se enquadram no *tipo* festa cívica, no *formato* festejo, do gênero folkcomunicação cinética.

A FESTA NA CIDADADE

De acordo com Carvalho (2012) a festa sempre esteve presente em todas as civilizações, e elas funcionavam, e ainda funcionam, como "liga" do sentimento de pertença à comunidade produzindo, assim unidade (p.34). Para Miguez (2012) a festa é uma manifestação do campo da cultura que deve ser entendida como um fenômeno transhistórico e transcultural que está presente no Brasil desde a colonização. O autor alega que o ambiente festivo muito ampliou-se com a incorporação do imenso repertório de procissões e cortejos típicos do mundo ibérico-católico-barroco que aqui chegaram pela "mão dos portugueses" (p.507).

Miguez (2012) também reconhece que a festa vai além de suas características mais tradicionais, como músicas e danças, e que também é uma arena de conflitos, um território marcado por disputas e tensões de várias ordens. Ele explica que "as tensões que hoje se instalam no interior da festa decorrem do seu deslocamento do âmbito da comunidade, território privilegiado de organização da festa, para o campo da cultura de massa" (MIGUEZ, 2012, p. 509).

Na capital da Bahia as ruas assumem importante significado e delas decorrem parte de seu potencial turístico com os mais variados festejos. Para Durkheim (1989) toda festa apresenta determinadas características de cerimônia religiosa. Para ele - o homem é transportado para fora de si mesmo, distraído de suas ocupações e de suas preocupações ordinárias (1989, p. 456). Para Amaral (1998a;1998b) as festas oscilam mesmo entre os pólos: cerimônia (como forma exterior e regular de um culto) e a festividade (como demonstração de alegria e regozijo), ou seja, de alguma forma a festa transita entre o profano e o sagrado. Independente de sua origem ela altera as relações que estabelecemos com o tempo e com o espaço.

Toda festa acontece de modo extra-cotidiano, mas precisa selecionar elementos característicos da vida cotidiana. Toda festa é ritualizada nos imperativos que permitem identificá-la, mas ultrapassa o rito por meio de invenções nos elementos livres (AMARAL, 2008a, p.17).

Amaral se baseia na classificação de Jean Duvignaud para entender a festa no caso brasileiro. Duvignaud divide as festas em: Participação e Representação. Na primeira, incluem-se cerimônias públicas das quais participa a comunidade e os participantes são conscientes dos mitos que ali são representados, assim como dos símbolos e dos rituais

utilizados, e todos participam; as Festas de Representação, contam-se aquelas que apresentam “atores” e “espectadores”. Os atores, que podem ser em número restrito, participam diretamente da festa organizada para os espectadores, ou seja, poucos participam e muitos assistem. Amaral destaca que com a possibilidade da transmissão direta da televisão, é possível estabelecer uma terceira categoria: a intermediária. Segundo ela festas como o Círio de Nazaré, o Carnaval, o São João, e outras festas que são televisionadas encontram-se numa categoria intermediária, pois um grupo numeroso tem acesso aos códigos da festa *in loco* e outro grupo, muito mais numeroso e indeterminado tem contato com a festa a partir da mediação com a televisão.

Em Salvador, as festas de rua podem ser classificadas como intermediárias por possuir as mesmas características apontadas por Amaral e são divulgadas pelos canais de Tv da cidade. De acordo com Carlos (1996) a rua é o principal espaço da cidade e nas grandes cidades ela é um importante cenário gerador de acontecimentos que são retratados pelos meios de comunicação e dispostos para o consumo de um público denso e variado.

Na rua se tornam claras as formas de apropriação do lugar e da cidade, e é aí que afloram as diferenças e as contradições que permeiam a vida cotidiana, bem como as tendências de homogeneização e normatização impostas pela estratégia de poder que subordina o social (Carlos, 1996, p. 86).

Para Canclini (2008) as cidades não existem somente como ocupação de um território e de interações materiais entre seus habitantes. Para ele, atuamos na cidade também pelas cartografias mentais e emocionais que variam segundo os modos pessoais de experimentar as interações sociais. O pesquisador chama de cidade do espetáculo aquela em que acontece a fragmentação das experiências. “O rádio e a televisão, comprometidos nessa tarefa de narrar e dar coerência à cidade, redesenham suas táticas comunicacionais para arraigarem-se em espaços delimitados” (CANCLINI, 2008, p. 22). Nesse sentido ele analisa a importância do uso do helicóptero usado como ferramenta para produzir narrativas que conecte os fragmentos da cidade.

Um que me atrai particularmente é o dos helicópteros que, em grandes cidades, percorrem-nas todas as manhãs, ocupados, habitualmente, por uma dupla de policiais e algum jornalista que transmite por televisão e por rádio. O jornalista vai informando onde houve algum acidente, onde há engarrafamentos, como está o trânsito. Ele não somente dá informações úteis para comportar-se em distintas zonas da cidade. Atua sobre os imaginários e se

constitui em reconfigurador de uma totalidade que ninguém percebe (2008, p.21).

Em trabalho anterior Canclini (2002) deduz que vivemos em uma sociedade sob a vigilância dos meios de comunicação. Para ele evoluímos do simples passeio do *flâneur* às novas tecnologias. “Passamos, em cinquenta anos, ao helicóptero que sobrevoa a cidade e oferece a cada manhã, através da tela do televisor e das vozes do rádio, o panorama de uma megalópole vista em conjunto, sua unidade recomposta por quem vigia e nos informa” (CANCLINI, 2002, p.41).

Para Canclini imaginamos e sabemos sobre a metrópole não apenas pelas limitadas experiências diretas que temos ao viajar por ela, mas sim pelas notícias e reflexões que o olhar “onisciente” da televisão instala nos lares. Para ele é importante o papel que o helicóptero assume como novo instrumento de divulgação do espaço urbano. “Com o auxílio de helicópteros que percorrem a urbe, com câmeras 'no lugar dos fatos', com convidados que os viveram diretamente, constrói visões verossímeis que simulam recompor o sentido global da vida cidadã (Canclini, 2002, p. 48).

As observações de Canclini (2002; 2008) nos levam a outros postulados sobre a relação comunicação e vigilância na contemporaneidade que não podemos desconsiderar. Para Lyon (2013) a vigilância é uma dimensão-chave do mundo moderno e em meio a isso não podemos deixar de lado as considerações sobre o modelo panóptico de vigilância. Esse modelo foi pensado por Jeremy Bentham, no século XVIII, como modelo de prisão e foi planejado para facilitar o controle mediante a organização semicircular dos blocos de celas. Um “inspetor” deveria situar-se no centro, de modo que pudesse ver sem ser percebido pelos detentos.

Michel Foucault retomou na década de 1970 o modelo pensado originalmente para as prisões inglesas, e elaborou conceitos que culminaram com a ideia de poder disciplinar. Ele alegava que “a nossa sociedade não é de espetáculos, mas de vigilância” (FOUCAUT, 1987, p. 190).

Porém, Bauman (2001, p.18) ao realizar uma releitura do dispositivo de vigilância denominado de panóptico alerta que já estamos vivendo em um mundo “pós-pan-óptico”. Para ele, na modernidade líquida o poder pode se mover com a velocidade do sinal eletrônico e o tempo requerido para o movimento de seus ingredientes essenciais se reduziu à instantaneidade (BAUMAN, 2001).

O que importava no Panóptico era que os encarregados “estivessem lá”, próximos, na torre de controle. O que importa, nas relações de poder pós-panópticas é que as pessoas que operam as alavancas do poder de que depende o destino dos parceiros menos voláteis na relação podem fugir do alcance a qualquer momento - para a pura inacessibilidade (2001, p.18).

A televisão é um meio de comunicação que reúne condições de aprimoramento desse olhar pós- panóptico na sua programação jornalística. Nas cidades com grandes aglomerados populacionais, o principal problema está relacionado a mobilidade, e por isso os canais vem investindo no uso de helicópteros. O objetivo deste trabalho é mostrar como a televisão utiliza seu olhar pós-panóptico na transmissão da festa do Dois de Julho no telejornal Bahia Meio Dia, da Tv Bahia, em Salvador. A metodologia adotada é a Análise de Imagem em Movimento, de Rose (2003).

A metodologia proposta sugere que o conteúdo seja analisado em diversas etapas. O primeiro passo é a *seleção*: nessa etapa é importante selecionar o que será analisado utilizando-se de critérios que possa estabelecer seu o registro e deixando de fora o que não prejudique a análise. Nesse caso, vamos priorizar apenas as imagens que foram produzidas por helicóptero para o programa Bahia Meio Dia.

Para Rose (2003, p.348), há pelo menos dois passos para o processo de registro determinando quando e quanto tempo ocorre o registro. Em seguida, é o momento da *transcrição*, cuja finalidade é gerar um conjunto de dados que se preste a uma análise cuidadosa e uma decodificação, pois esta translada e simplifica a imagem complexa da tela. Nesse momento é importante definir a unidade de análise. Quando uma tomada diferente for feita de uma câmera ou quando se muda o conteúdo, uma nova unidade de análise surge. Um critério bem simplificado pode ser a mudança de uma cena para outra. Portanto, para esse fim destacaremos a narração e a descrição das imagens.

RESULTADOS

O programa jornalístico Bahia Meio Dia é exibido pela TV Bahia, de segunda a sábado, das 12 horas às 12 horas e 45 minutos. A emissora faz parte da Rede Bahia de Televisão, fundada em março de 1985, e é afiliada à Rede Globo desde 1987. Desde o começo de 2014 a TV passou a utilizar os serviços do helicóptero Redecop. Durante o

período da pesquisa o programa foi apresentado pelos jornalistas Ricardo Ismael e Silvana Freire.

O período de observação do telejornal correspondeu ao período de 1 a 3 de julho de 2015. No dia 3 de julho não foi registrada nenhuma ocorrência sobre a festa. Nesse dia o helicóptero apenas mostrou fatos corriqueiros decorrentes do trânsito da cidade. No dia 1 de julho registramos apenas uma referência (Tabela 1) com o apresentador Ricardo Ismael. A inserção começou com a introdução de uma vinheta do Redecop, e em seguida entrou a imagem de corredores que saíram do Recôncavo carregando uma tocha que representa o fogo simbólico (Figura 1). Quando a imagem produzida pelo helicóptero entra ao vivo, imediatamente aparece no lado esquerdo da parte inferior da tela uma logomarca do Redecop.



FIGURA 1 – imagem do fogo simbólico

TABELA 1
 Fogo simbólico se aproxima de Salvador

Data/Duração	Tema/Narrador	Descrição da Imagem
01/07/2015 (24 segundos)	RICARDO ESMAEL: Imagens ao vivo no nosso RedeCop mostrando os atletas do Recôncavo Baiano que chegam nesse momento na cidade de Simões Filho trazendo a tocha, o fogo simbólico, representando aí as lutas pela Independência do Brasil na Bahia. De Simões Filho a tocha segue para Salvador.	Vinheta RedeCop (7 segundos) Imagens de dezenas de corredores em meio a avenida conduzindo uma tocha.

A maior parte da cobertura realizada pelo Redecop ocorreu no dia 2 de julho, ápice do evento. Foram mais de 2 minutos disponibilizados pelo helicóptero, sem contar as reportagens que chegaram a usar como ilustração diversas ângulos de imagens gravadas no período matinal. No começo do telejornal, em primeiro plano aparecem os apresentadores

que inciam o programa tecendo considerações sobre a festa cívica, e podemos perceber que em um telão, atrás deles, aparecem imagens aéreas do cortejo em segundo plano. Em seguida, as imagens aéreas, que foram previamente gravadas, mostram de forma acelerada todo o percurso do cortejo, da Lapinha até o centro histórico de Salvador (Ver Tabela 2). A narrativa é produzida em tempo real no estúdio do programa pelos jornalistas e a imagem mostra, em uma única tomada, as ruas tomadas por milhares de pessoas. Em um dado momento é utilizado, em forma de zoom, uma aproximação da imagem para mostrar do alto o carro do caboclo. Enquanto isso, a narrativa segue explorando fatos históricos e detalhes do evento. Essa dinâmica só é interrompida quando é anunciada a participação da reportagem.



FIGURA 2 – imagem da saída do cortejo

TABELA 2
 Destaque da festa pela manhã

Data/Duração	Tema/Narrador	Descrição da Imagem
02/07/2015 (1 minutos e 8 segundos)	<p>RICARDO ESMAEL:... e desde cedo milhares de pessoas foram às ruas de Salvador para participar do cortejo em homenagem aos heróis da Independência e a data, que é considerada a mais importante da Bahia.</p> <p>SILVANA FREIRE: Pois é Ricardo, esse ano o cortejo saiu por volta das 9 e meia da manhã de lá do Largo da Lapinha com o carro do caboclo, a imagem da cabocla também, a gente daqui a pouco, as nossas equipes acompanharam toda essa manhã de comemorações, comemorações que continuam agora a tarde, né. Esse ano 470 alunos da rede municipal de ensino participam do desfile com 7 fanfarras. Daqui a pouquinho vamos mostrar todos os detalhes das comemorações nessa manhã, que nesse ano homenageia as mulheres, as guerreiras dessa Independência: Maria Quitéria, Joana Angélica e Maria Felipa.</p> <p>RICARDO ESMAEL: Exatamente, o desfile cívico que deve chegar ao Campo Grande por volta das 5</p>	<p>Abertura do jornal (20 segundos);</p> <p>Imagens gravadas do helicóptero do telão do estúdio – percorre a rua em aceleração - mostra a concentração na Lapinha, largo de Julho – convento da Soledade;</p> <p>Sai imagem dos apresentadores e a imagem toma toda a tela;</p> <p>Muda plano para imagem mais próxima da rua mostrando o carro do caboclo;</p> <p>Plano mais próximo do carro mostra o início do desfile;</p> <p>Plano mais aberto da rua como imagem em aceleração mostrando a rua em sentido contrário até a Lapinha – convento da Soledade;</p>

	<p>horas da tarde. A gente vai fazer agora contato com a nossa colega Georgina Mainard que está lá em baixo, na Praça Municipal, pertinho do caramanchão onde estão os carros com o caboclo e a cabocla que são os símbolos da participação popular nessas lutas...</p>	<p>Corta para os apresentadores e duas telas no estúdio mostram as imagens aéreas e a imagem da repórter ao vivo.</p>
--	---	---

Após a participação da repórter Georgina Mainard, outros enfoques foram dados a festa detalhando fatos que ocorrem pela manhã como abertura, participação de políticos, de pessoas que desfilaram fantasiadas de personagens do Dois de Julho, e os protestos de sindicatos e movimentos sociais. Em um segundo momento o Redecop mostra imagens ao vivo (Figura 3) desta vez localizando os carros do caboclo e da cabocla. A imagem é mostrada por volta de 1 minuto e os apresentadores aproveitam para exaltar a figura dos caboclos.

TABELA 3
 Chegada do cortejo na Praça Thomé de Souza

Data/Duração	Tema/Narrador	Descrição da Imagem
<p>02/07/2015 (56 segundos)</p>	<p>RICARDO ESMAEL: Dois de julho feriado da Independência no Brasil e na Bahia e você confere aqui no Bahia Meio Dia as imagens ao vivo de nosso RedeCop sobrevoando a Praça Thomé de Souza, a Praça Municipal, onde tradicionalmente ficam os carros com a Cabocla e o Caboclo, símbolos da participação popular nas lutas pela Independência, que saíram lá do Pavilhão Dois de Julho, no Largo da Lapinha e chegaram aí. Esse é o caminho feito há 192 anos pelos heróis da Independência; homens, mulheres, gente do povo, gente simples do Recôncavo e também da Capital que expulsaram no dia 2 de julho os últimos portugueses do Brasil.</p> <p>SILVANA FREIRE: E Olha Ricardo nesse caminho, aí nesse trajeto hoje de manhã, olhares curiosos, muita gente que participou da festa homenageando, inclusive, personagens ilustres como a heroína Maria Quitéria.</p> <p>RICARDO ESMAEL: Nas janelas e nas sacadas das casas, decoração especial. Quem acompanhou tudo de pertinho foi a repórter Ana Valéria...</p>	<p>Vinheta RedeCop (7 segundos);</p> <p>Abre imagem ao vivo da praça Thomé de Souza, ao lado do Elevador Lacerda;</p> <p>O helicóptero de desloca seguindo a rua no sentido Pelourinho;</p> <p>Corta para a repórter.</p>



FIGURA 3 – imagem do Caboclo na praça Thomé de Souza

CONCLUSÃO

Ao analisarmos as estratégias de cobertura ao vivo da Festa do Dois de Julho realizadas pelo helicóptero Redecop, do telejornal Bahia Meio Dia, podemos compreender, do ponto de vista folkcomunicação, um novo olhar da festa destinado ao consumo das grandes audiências. A imagem apresentada da festa feita em tempo real, ao mostrar o seu potencial cinético em plano geral, recria esse acontecimento de origem popular e o coloca como mediador que oferece à recepção um novo olhar sobre o desfile cívico.

Constatamos que o telejornal ao lançar seu olhar pós-panóptico sobre a festa cívica, além de proporcionar sua midiatização a partir de seu aparato de tecnologia de transmissão, também se fortalece na relação de poder frente a outros programas exibidos no mesmo horário pelas emissoras concorrentes.

As reportagens aéreas conferem aos telejornais a possibilidade de reconfiguração do olhar sobre a cidade, e consequente de suas festas. Se antes a transmissão do carnaval em Salvador possuía a condição de ser vista por via terrestre e aérea, hoje, com os investimentos de transmissão ao vivo facilitam que outras festas populares ganhem o mesmo destaque.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **As mediações culturais da festa**. Revista Mediações, Londrina, v. 3, n. 1, p. 13-22, jan./jul. 1998a.

_____. **Festa à Brasileira: significados do festejar, no país que “não é sério”**. 1998. 380 f. Tese (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998b.

ARAÚJO, Ubiratan Castro de. **A Consolidação da Independência do Brasil na Bahia**. In: BAHIA. Secretaria de Cultura. Fundação Pedro Calmon. Cartilha 2 de Julho: a Bahia na independência nacional. Salvador, s/d. 64p.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. **Vigilância líquida: Diálogos com David Lyon**; trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.

BARRETO, Luiz Antonio. **O folclore como discurso**. In: BARRETO, Luiz Antonio (Org). Encontro Cultural de Laranjeiras, 20 anos, Sergipe. Aracaju/SE, Fundação Estadual da Cultura, 1994.

CANCLINI, N. G. **Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação**. Opinião Pública, Campinas, Unicamp, 8(1), 40-53, 2002.

_____. Imaginários culturais da cidade: conhecimento / espetáculo / desconhecimento. In: COELHO, Teixeira (Org.). **A cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2008. p. 15-31

CARLOS, A. F. A. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARVALHO, Gilmar de. Vitória de Dioniso: festa , tradição e mercado. In: RUBIM, Linda; MIRANDA, Nadja (Org.). **Estudos da Festa**. Edufba, (Coleção CULT; n. 11), Salvador, 2012.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução de Pereira Neto; revisão José Joaquim. São Paulo: Ed.Paulinas, 1989.

FERNANDES, Guilherme Moreira. **Folkcomunicação Cinética**. In: ENCICLOPÉDIA INTERCOM DE COMUNICAÇÃO. – São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; trad. Lúcia M. Ponde Vassalo. Petrópolis, Vozes, 1987.

LYON, D. Introdução. BAUMAN, Z. (2013). **Vigilância líquida: Diálogos com David Lyon**; trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.

KRAAY, Hendrik. **Entre o Brasil e a Bahia: As comemorações do Dois de Julho em Salvador, século XIX**. Afro-Ásia, UFBA, núm. 23, 1999, pp. 47-85.

MARQUES MELO, J. (2005). **Gêneros e formatos folkcomunicacionais: aproximação taxionômica**. Trabalho apresentado na VIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação, Teresina, CEUT, 9 a 11. Disponível em:
http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/f/f2/GT2-001-Generos_e_Formatos-JMM.pdf.
Acesso em: 30 novembro 2015.

MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina; DOURADO, Jacqueline Lima (Orgs.). Folkcom. **Do ex-voto à indústria dos milagres: a comunicação dos pagadores de promessas**. Teresina: Halley, 2006.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

MIGUEZ, Paulo. A festa: inflexões e desafios. In: RUBIM, Linda; MIRANDA, Nadja (Org.). **Estudos da Festa**. Edufba, (Coleção CULT; n. 11), Salvador, 2012.

ROSE, D. Análise de Imagens em Movimento. En: Bauer, M. W; Gaskell, G.(Ed.) Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Trad. Pedrinho A. Guaresch. 2º edição. (343-364). Petrópolis: Editora Vozes, 2003.